

**ASSOCIAÇÃO JUNIENÇA DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA  
AJES  
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE  
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO, SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO ESCOLAR**

9,0

**CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS DA VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS – UMA  
PREOCUPAÇÃO DE TODA A EQUIPE GESTORA**

Nilza da Rocha Vieira Soares

ORIENTADOR: Profº Ilso Fernandes do Carmo

**COLORADO DO OESTE / 2007.**

**ASSOCIAÇÃO JUNIENCE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA  
AJES  
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE  
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO, SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO ESCOLAR**

**CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS DA VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS – UMA  
PREOCUPAÇÃO DE TODA A EQUIPE GESTORA**

Nilza da Rocha Vieira Soares

ORIENTADOR: Profº Ilso Fernandes do Carmo

*“Trabalho apresentado como exigência  
parcial para a obtenção do título de  
Especialização em Gestão, Supervisão e  
Orientação Escolar”*

**COLORADO DO OESTE / 2007.**

**ASSOCIAÇÃO JUNIENCE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA  
AJES  
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE  
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO, SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO ESCOLAR**

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

**ORIENTADOR**

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho ao meu marido, Aureo Soares, pelo carinho, esforço e compreensão, a quem muito devo para que este curso fosse realizado.*

*A minha Mãe Joana com muito amor.*

*Aos meus filhos, Cleyton Vieira Soares e Vanessa Vieira Soares, constância de energia em minha vida.*

## **AGRADECIMENTOS**

*Agradeço a Deus, Mestre Supremo, criador do mundo que me concedeu essa graça e vitória.*

*Aos Professores, Coordenadores e Orientadores do Curso que muito contribuíram nesse processo de formação.*

## RESUMO

O tema escolhido partiu da necessidade de se conhecer melhor sobre as causas e conseqüências da violência nas escolas, pois esse é um problema grave que vem crescendo cada dia mais no ambiente escolar, causando preocupação para todos envolvidos no processo ensino/aprendizagem.

A pesquisa escolhida para tal assunto é de caráter bibliográfico, pois há necessidade de se conhecer sobre os autores e pessoas interessadas em conhecer e solucionar um problema tão grave que afeta a sociedade em geral.

Conhecendo as causas e conseqüências da violência nas escolas, nós que de uma forma ou de outra estamos envolvidos no processo, estaremos sem dúvida mais preparados e informados para lidar com tais situações que muitas vezes não sabemos com enfrentar e assim contribuimos mesmo que involuntariamente, para que a violência aumenta ainda mais.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	07
<b>CAPÍTULO I</b> .....	10
1 - AS LUTAS SOCIAIS CONTRA A VIOLÊNCIA ESCOLAR.....	10
<b>CAPÍTULO II</b> .....	13
2 - ESCOLA: ESPAÇO DE VIOLÊNCIA E INDISCIPLINA.....	13
<b>CAPÍTULO III</b> .....	16
3 - PERSPECTIVA DE PACIFICAÇÃO DE UMA ESCOLA.....	16
3.1 – O Papel das Instituições com a Violência na Escola.....	17
<b>CAPÍTULO IV</b> .....	25
5 - VIOLÊNCIA URBANA E ESCOLAR.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	34

## INTRODUÇÃO

Em muitas cidades as escolas são palcos de situações de violência. Situada em locais onde a exclusão social se manifesta de modo mais acentuado, as escolas não ficam isoladas deste contexto. De depredações a casos de arrombamento, ameaças e prisões, muitas coisas acontecem, amedrontando professores, pais e alunos. A solução proposta é o policiamento e a colocação de grades. Nem sempre essa solução é possível e quase nunca é eficaz, muitas vezes ela apenas reforça a violência da situação.

O ambiente escolar soma mais uma das séries de violência que pesam sobre a vida das crianças e jovens que freqüentam a escola pública. Muitas vezes, a escola diz-se neutra, universal e com valores próprios. Essa neutralidade acentua e dissemina valores estranhos aqueles que ilustram o cotidiano das crianças pobres, que vêem reprovados seus hábitos e seu jeito de falar ao inferiorizar os alunos pobres, a escola lhes ensina a resignação frente ao fracasso.

Quando os alunos deixam a escola, expulsos pelos mecanismos de evasão, encaminham-se para a outra parte do ciclo como: o trabalho mal remunerado, o subemprego e muitas vezes ao mundo do crime.

A violência não é um ato gratuito, mas uma reação daquilo que a escola significa ou, ainda pior, aquilo que ela não consegue ser. A maioria das ocorrências violentas ocorrida na escola é praticada por alunos ou ex-alunos, muito raramente são elementos estranhos que atacam a instituição. Há uma diferença

qualitativa entre os diversos tipos de atos de violência que chegam a direção das escolas. A gravidade das situações é variável e os efeitos das providências tomadas podem ser muito sérios. Os envolvidos, em geral, são alunos ou jovens expulsos indiretamente através dos mecanismos de evasão. É importante que a escola se volte para estes jovens, buscando a sua reintegração na condição de alunos ou usuários de espaços e serviços oferecidos à comunidade.

A violência perpassa as diferentes relações sociais e aparece de forma explícita nos meios de comunicação de massa, principalmente na mídia televisiva. São vários os programas que enfatizam e reproduzem, com veemência, atos de violência e até de barbárie que acontecem freqüentemente nas sociedades em geral. Além disso, a televisão comumente apresenta programas com objeto sarcástico. Até os programas infantis não fogem a essa conotação violenta.

Na verdade a escola também reflete o modelo violento de convivência social. E o mais é que muitos educadores não se apercebem como violadores dos direitos do aluno. A educação é um processo de construção coletiva, contínua e permanente de formação do indivíduo, que se dá na relação entre os mesmos é, portanto o local privilegiado dessa formação, porque trabalha com o conhecimento, com valores, atitudes e a formação de hábitos.

A escola por intermédio dos seus próprios alunos, funcionários e diretores, passa a se constituir numa central de controle de sua população, num poderoso observatório político. Onde as punições apresentam como objetivos e tarefas de diferenciar e separar indivíduos que caracterizam a desordem, a loucura, a agressividade e o crime.

A escola que a legislação diz existir é democrática, está aberta a todos, com ensino obrigatório, onde o ponto de partida é igual para todos e o sucesso depende do esforço e da inteligência de cada um. Mas, na escola real constata-se que uma pequena parte somente é que é educado, o acesso a escola é igual para todos e além de tudo isso, a escola convence que os que fracassam o fazem porque são incompetentes e inferiores aos outros.

Na primeira parte abordaremos as lutas sociais contra a violência escolar, onde a escola dos dias atuais, fechadas, protegidas por muros, grades, vigilância e punição, se constitui num mundo à parte, onde o acesso dos alunos é

cuidadosamente controlado, cujos papéis de cada um já estão mecanicamente pré-estabelecidos, já com destinos traçados.

O assunto abordado como: Espaço de violência e indisciplina, tem como objetivo descrever os diversos tipos de manifestação da violência no âmbito escolar, a partir do olhar daqueles que vivenciam de maneira mais imediata: alunos e membros do corpo técnico-pedagógico especialmente professores, além de policiais, inspetores de disciplina e agentes de segurança. Sob esta perspectiva, a violência é percebida, entendida e representada principalmente pelos atores escolares tanto como vítima, testemunhas, observadores e até mesmo como praticante.

No item três o assunto abordado é “A perspectiva de pacificação de uma escola”, onde a expectativa do combate às violências nas escolas deve aparecer como parte da agenda pública de sedimentação da democracia e não como problema dos jovens ou da escola, o que pede investimento crítico continuado por muitos.

Tem-se também como premissa que, cada vez mais, a prevenção e a erradicação da violência nas escolas exigem relacionar conhecimento sensível, ético, valorização dos jovens, criação de um clima agradável e participativo, com conhecimento especializado.

No último capítulo “Violência urbana e escolar”, falaremos das causas da violência escolar, da violência familiar, e da violência social. Além dessas há outras causas que influenciam no ambiente escolar, como: ignorância, pobreza material, carência familiar e cultura, desigualdade social, regime capitalista, etc.

A escola que pretende ser educativa deverá fazer uma profunda reflexão junto com os alunos acerca das causas e dos atos inseqüentes destes, pois isso acarreta o desenvolvimento da consciência crítica dos elementos que participam do processo ensino/aprendizagem, envolvendo escola enquanto instituição e outros órgãos a ela ligados.

## **CAPÍTULO I**

### **1 - AS LUTAS SOCIAIS CONTRA A VIOLÊNCIA ESCOLAR**

As escolas dos dias atuais, geralmente as de cidades grandes, estão fechadas, protegidas por muros, grades, vigilância e punição, se constitui num mundo à parte, onde o acesso dos alunos é cuidadosamente controlado, cujo papel de cada um já está mecanicamente pré-estabelecido e com destino traçado.

A escola que ai está, a real, com professores desmotivados, com sua dignidade ética, moral, econômica e social ameaçada pelos salários corroídos, descontentes com más condições de trabalho, mal preparados para enfrentarem alunos mal educados, onde a maioria dos pais deixa que a escola os eduque, cansados com carga horária exagerada para uma função tão desgastante.

O professor imagina que a garantia do seu lugar se dá pela manutenção da ordem, mas a diversidade dos elementos que compõem a sala de aula impede a tranqüilidade da permanência neste lugar. Ao mesmo tempo em que a ordem é necessária, o professor desempenha um papel violento e ambíguo, pois se , de um lado, ele tem a função de estabelecer os limites da realidade, das obrigações e das normas, do outro, ele desencadeia novos dispositivos para que o aluno, ao se diferenciar dele, tenha autonomia sobre o seu próprio aprendizado e sobre sua própria vida.

Segundo Zaluar (1992, p. 31), o grande problema talvez esteja no fato de o professor se concentrar apenas na sua posição normalizadora achando que com isso, ele conseguirá eliminar os conflitos. Mas, as efervescências da sala de

aula marcada pela diferença, pela instabilidade, pela precariedade, apontam para a inutilidade de um controle totalitário, de uma planificação racional, pois os alunos buscam de modo espontâneo e não planejado o “estar junto” que impede a instalação de qualquer tipo de autoritarismo. Quanto maior a repressão, maior a violência dos alunos em tentar garantir as forças que assegurem sua vitalidade de enquanto grupo.

Quando o professor experimenta a ambigüidade do seu lugar, ele consegue, juntamente com os alunos sucesso na aprendizagem e administrar a violência na sala de aula. Isso não significa que a paz reinará na escola, mas que alunos e professores, por força das circunstâncias, serão obrigados a se ajustar e a formular regras comuns, ou seja, os limites do fechamento e de tolerância. Portanto, nem autoritarismo e nem abandono. O professor ocupa o seu lugar limitador, mas ele também abre brechas que permitirão ao aluno negociar e viver com mais intensidade a misteriosa relação que une escola/alunos.

Na sua ambigüidade, a indisciplina não expressa apenas ódio, raiva, vingança, mas também uma forma de interromper as pretensões do controle homogeneizado imposto pela escola. Tanto nas brigas (envolvendo alunos, professores e diretores) como nas brincadeiras, existe uma duplicidade que, ao garantir a expressão de forças heterogêneas, assegura a coesão dos alunos, pois eles passam a partilhar de emoções que fundam o sentimento da vida coletiva.

A escola tende reforçar ora a integração plena, ora a rejeição total e, com isso, ela rompe o eixo das redes em que se apóiam as aproximações e as recusas efetivas. Esse desequilíbrio desvincula a escola de seu enraizamento junto aos alunos, represando sentimentos que freqüentemente explodem sob as formas mais indesejáveis.

O objetivo de eliminar a violência e a indisciplina, ou de coloca-las para fora do campo escolar, faz com que se perca a compreensão da ambigüidade desses fenômenos que restauram a unidade grupal e instalam uma tensão permanente. Quando essa tensão é vivida coletivamente, ela assegura a coesão do grupo; quando impedida de se expressar transforma-se numa violência tão desenfreada que nenhum aparelho repressor, por mais eficiente que seja, poderá conter.

Com efeito dos processos de fragmentação social e de exclusão econômica e social, emergem as práticas de violência como norma social particular de amplos grupos da sociedade, presentes em múltiplas dimensões da violência social e política contemporânea. A integração social passa a ser marcada por estilos violentos de sociabilidades, invertendo as expectativas do processo civilizatório.

O reconhecimento da violência no espaço escolar como uma das novas questões sociais globais parece ser um caminho interpretativo fecundo desse fenômeno social caracterizado como um enclausuramento do gesto e da palavra.

## **CAPÍTULO II**

### **2 - ESCOLA: ESPAÇO DE VIOLÊNCIA E INDISCIPLINA**

Este capítulo tem por objetivo descrever os diversos tipos de manifestação da violência no âmbito escolar, a partir do olhar daqueles que vivenciam de maneira mais imediata, como alunos e membros do corpo técnico-pedagógico, especialmente professores, além de policiais, inspetores e agentes de segurança escolar. Sob esta perspectiva, a violência é percebida, entendida e representada principalmente pelas pessoas que compõe a escola, seja como vítima, testemunhas, observadores e até mesmo como praticante.

Devemos sempre estar conscientes, ao analisar o fenômeno da violência na escola, de que estamos em face de uma relação professor/aluno, na qual este está desfalecido em uma relação de poder, pois a violência, ao contrário de senso comum quer criminalizar o infante, produz vítimas justamente entre as crianças e adolescentes.

Muitas das formas de violência, contra o patrimônio realizam-se, freqüentemente, sem que ocorra o furto de bens, mas somente sua depedração. Esses atos de violência podem ser percebidos como reação social contra a escola. Os jovens no Brasil atuam, representam uma geração vitimizada sem esperanças em relação às promessas de futuro. No caso da violência contra a pessoa “lesão corporal”, roubo e furto, tráfico de drogas. Muitas vezes encontramos o uso de armas

brancas ou de fogo. E ainda, uma série de alunos apresenta sinais de terem sido vítimas da violência doméstica.

O espaço social da violência escolar expressa as crescentes fraturas nas instituições socializadas, tais como a família e a escola, e um estímulo a condutas desviantes ou ao trabalho na criminalidade, no tráfico de drogas, o que se reflete ou atinge o universo escolar.

Segundo Debarbieux (1999, p. 84), são três dimensões sócio organizacionais distintas:

- Primeiro, degradação no ambiente escolar.
- Segundo uma violência que se origina de fora para dentro das escolas e manifesta-se por intermédio da penetração das gangues do tráfico de drogas e da visibilidade crescente da exclusão social na comunidade escolar.
- Em terceiro, relaciona-se a um componente interno das escolas. Há escolas que tem se mostrada violenta e outras que se passam por situações de violência.

Os dois tipos de situações de violência que o autor cita, com certeza são difíceis de ser trabalhada, pois as escolas que temos hoje não estão preparadas e muito menos equipados para conviver com situações de violência.

Segundo Derbabieux (1999, p. 65),

*"não é possível analisar a violência nas escolas sem refletir sobre a agressão física, os pequenos roubos, o vandalismo e o que os pesquisadores franceses consideram como incivilidade, isto é, ofensas verbais, grosserias diversas, empurrões, interpelações e humilhações".*

Percebemos, com tudo isso que os autores acima afirmam que, há diferentes formas pelas quais a violência se realiza, como também variados são os seus objetivos, alvos, instrumentos, vítimas e praticantes.

Este amplo e complexo espectro de manifestação impõe a necessidade de categorização a fim de melhor compreender o fenômeno no ambiente escolar. Para isso, nesta pesquisa foram discriminadas as diversas situações de violência como:

- violência contra a pessoa, expressão verbal ou fisicamente: as ameaças, as brigas, a violência sexual, a intimidação mediante armas brancas ou de fogo;

- violência contra a propriedade particular: furtos, roubos e assaltos;

- violência contra patrimônio Público, especialmente o vandalismo e deprecação das instalações escolares.

Entre os fatos que desencadeiam violências como ameaças e brigas, destaca-se o “encarar”. Trata-se de uma maneira de olhar diferente, que pode significar, para os jovens a quebra de uma regra, tida como básica no ritual da comunicação não verbal. Este olhar direto insistente é assumido como desrespeito, desafiador, levando a confrontos.

Na mesma tônica de rotular uma pessoa como inimiga e dividir assim lugares apropriados como “nossos” e os “dos outros”, a serem combatidos, dá-se destaque a demarcação de fronteiras territoriais, processo que a literatura internacional sobre gangues também enfatiza como parte de uma cultura da violência.

Esse enfrentamento pode ainda, incluir não alunos que invadem o espaço escolar ou praticarem atos violentos contra estudantes nas suas proximidades. Porém, as agressões físicas são vistas como um problema da escola mesmo quando ocorrem do lado de fora.

Um outro papel de especial relevância cabe a cultura e a educação que proporcionam um engrandecimento, levando a resgate da auto-estima, a uma conscientização dos problemas e das desigualdades, possibilitando superá-los e gerar solidariedade. O fortalecimento da auto-estima dos alunos serve para combater o preconceito e é visto, por professores e diretores, como um meio eficaz para ultrapassar barreiras.

Nas estratégias adotadas a fim de combater a violência, duas têm apressado bons resultados. Uma delas é a melhoria da relação da escola com a comunidade e a outra é a abertura de canais de expressão dos alunos.

### **CAPÍTULO III**

#### **3 - PERSPECTIVA DE PACIFICAÇÃO DE UMA ESCOLA**

A expectativa da escola como uma agência privilegiada para o combate das violências e das culturas de violência, vividas, por outro lado, encontrando ressonância em experiências que destacam profissionais que combinam as funções formais de docentes com a de articuladores entre a escola e a família, ou a postura dialógica nas relações com os alunos. Também os alunos sugerem ter importância uma grade curricular mais flexível, com apelo a linguagem da arte e a outras, em que lições de vida sejam enfatizadas.

O combate a violência nas escolas deve aparecer como parte da agenda pública de sedimentação da democracia e não como problema dos jovens ou da escola, o que pede investimento crítico continuado por parte do governo.

Tem-se também como premissa que, cada vez mais, a prevenção e erradicação da violência nas escolas exigem relacionar conhecimento sensível, ético, valorização do jovem, criação de um clima agradável e participativo com conhecimento especializado e transdisciplinar.

Diversos projetos voltados à violência nas escolas têm sido implementados em vários países. Por exemplo, o Projeto Servilha (SAVE) iniciado em 1995, nasceu com o objetivo de buscar alternativas para o problema. O desenvolvimento do projeto atingiu seu ponto culminante com o estabelecimento de um modelo global de intervenção educativa.

Segundo GUIMARÃES (1996, p.49), a escola pode ser um local privilegiado de combate à violência nas escolas na medida em que reúne uma série de atributos e características que se destacam como irradiadores para a comunidade e a sociedade, tais como:

- Ser um lugar de encontro da diversidade cultural, o que aumenta sua capacidade de amenizar conflitos que vem de fora, buscando formas criativas de solidariedade e respeito ao próximo;

- Ter um potencial estratégico para tecer relações com a comunidade e especialmente com a família, já que diversas avaliações de programas de prevenção de conflitos nas escolas vêem os pais como parceiros para tal fim;

- Possibilidade de experimentar medidas de prevenção e acompanhamento da população como foco as experiências implantadas de políticas públicas;

- Sua importância junto aos alunos quanto a formação de valores e transmissão de conhecimentos, o que tem prosseguimento nos processos de interação não somente entre professores e alunos, mas entre os próprios estudantes.

É comum no Brasil, a referência a uma “crise na educação” associada a uma crise na sociedade, quando há uma modelagem da democracia.

### **3.1 – O PAPEL DAS INSTITUIÇÕES COM A VIOLÊNCIA NA ESCOLA**

Nenhum projeto, nenhuma idéia que se destine à prevenção ou ao tratamento da questão da violência, na criança e no adolescente, até mesmo no adulto, se nós não tivermos antes a capacidade de se colocar no lugar do outro.

Quando nós pensamos em tratar a questão da violência, é necessário principalmente nas escolas, que a gente promova a cada um de nós, uma reconciliação com a nossa própria infância e às vezes com a nossa própria adolescência.

As principais teorias tentam explicar os fenômenos da violência humana em especial, da violência entre adolescentes, ligando-as isso com a idéia

da escola e da prevenção. Existem dezenas de teorias que procuram explicar o fenômeno da violência. A mais conhecida talvez, seja chamada teoria biológica. Um médico italiano chamado Cesar Lombroso (2007, p. 215) diz em seu livro “O homem delinqüente”. *A violência não se faz; nasce-se com ela*. Segundo a teoria do médico o ser humano possui alguns traços físicos responsáveis por essa violência, e sua agressividade é genética, por isso sabemos quando um individuo é ou não violento. Ainda dentro do paradigma biológico apareceram versões contemporâneas como kariótipos humanos que determinam gens relacionados com a violência. A outra versão da teoria biológica é dada pelos hormônios que estão relacionados com humor, deixando às vezes pessoas mais triste ou mais alegres, que poderiam contribuir para um determinado sujeito ter alterações neuroquímicas e viesse a ser mais violento, agressivo ou agir como delinqüente.

O jurista Eurico Ferri (1934, p. 55) discípulo de Lombroso, tendo divergido seu mestre adotou posições contrária afirmando que:

*“O homem não nasce violento, mas o torna ao longo da vida, porque o meio social, o ambiente, os fatores externos, os fatores exógenos, convergem no sentido de que essas pessoas venham a ser violentas”.*

Ferri ao contrário de seu mestre Lombroso, acredita que o meio em que o individuo vive ou a educação que ele recebe é que determina se ele será ou não violento.

Durkheim (2001, p. 47), ao tratar do problema da violência diz que a mesma decorre da anomia, isto é, da ausência de normas. Quando não há regras e limites estabelecidos, a possibilidade da violência aumenta pela falta de coesão social.

A outra versão moderna da teoria sociológica é dada por um americano chamado Merton (1995, p. 62), que diz: a sociedade moderna da capacidade, sugere muitas coisas com dinheiro, sucesso, patrimônio, automóveis, roupas, etc.... Essa mesma sociedade não oferece a toas as pessoas os mesmos meios, alguns tem mais; outros têm menos. E então a violência e a delinqüência decorrem exatamente da diversidade de meios que as pessoas tem para alcançar os mesmos fins ou as mesmas metas.

A desigualdade entre meios de metas gera a violência que chamamos de conduta agressiva.

Entretanto a conduta violenta e delinqüente, e o paradigma psicológico, e o problema da agressividade. Só pode ser integralmente compreendido numa perspectiva transdisciplinar e de múltipla causalidade.

Inúmeros autores, cada um com sua teoria e maneiras de contribuição puderam opinar a cerca desse paradigma psicológico. Freud entre outras coisas, descobriu que existe um tipo de delinqüência que pode ser determinado por um sentimento de culpa ou pode ser uma violência responsiva à culpa.

Inconscientemente a criança pratica atos agressivos, violentos, para receber o castigo daquela culpa.

A partir da metade deste século, mais precisamente de 1952 em diante, surgiram alguns autores franceses, ingleses, mostrando que a violência decorre de um prejuízo nos vínculos e nas relações precoces da criança e que, todos nós, seres humanos, temos uma tendência. Essa é a chamada do vínculo ou também a teoria de "Attachmam", que vem nos dizer que a violência, sobretudo nas crianças e adolescentes, constitui principalmente um grito de socorro.

Em outras palavras, que os atos violentos são uma forma de esconder a nossa tristeza, pois parece que esquecemos que poder estar triste é uma condição essencialmente humana. Quando não conseguimos dizer, sentir que estamos triste, agredimos, praticamos um ato uma conduta, para esquecer e ao mesmo tempo revelar a nossa tristeza. Assim se pode perceber que essa criança não é anti-social, mas simplesmente pratica um ato violento na busca de reconhecimento de uma tristeza.

O italiano Cesar Lombroso (2007, p 230) dizia que: *"a violência decorre de uma falha na vinculação do bebê com a mãe. Quando acontece essa falha, a nossa tendência é preencher esse espaço através de atos agressivos"*.

A teoria bioviana nos permite ler a conduta anti-social e delinqüencial como uma incapacidade de pensar os pensamentos. Justamente por essa incapacidade, os conflitos aparecem na conduta violenta. Estamos na verdade, diante de uma incapacidade de simbolizar. Então, a par das várias teorias do sujeito, existe a possibilidade de estudar o fenômeno da sociedade criminógena, criando

instituições perversas e gerando também pessoas perversas. Aí não se está mais olhando para dentro da pessoa, mas para dentro da sociedade que nós mesmos construímos.

Por outro lado, divide o paradoxo, estamos vertiginosamente paralisados na incapacidade de resolver os nossos problemas mais fundamentais, de satisfazer as nossas necessidades mais elementares. Ainda não resolvemos o problema da pobreza, falta de educação, falta de saúde, falta de habitação. E para encerrar, onde estão os Direitos Humanos, os direitos da criança, nós completamos mais de 200 anos de grito de liberdade, igualdade, que igualdade? Vivemos num mundo tão desigual e injusto para a maioria das pessoas, a mais de 10 anos da Declaração do Estatuto da Criança e do Adolescente. Então, quando é que vamos passar da página das declarações para a página da execução dos direitos das pessoas?

As lutas sociais contra a violência escolar vêm crescendo, grupos de reflexão, ação, campanhas internas, passeatas, palestras, petições as autoridades municipais e estaduais, declarações à imprensa e tentativas de construir redes de relações sociais.

O que tem sido perseguido é a realização de uma compreensão, socialmente construída das mensagens contidas nos atos de violência. Propõe-se com tais ações, a difusão de uma ética da solidariedade, cuja base seja o respeito ao outro.

Os programas contra a violência que existem nos principais países têm alguns pontos em comum: a tentativa de satisfazer das necessidades dos jovens; o desenvolvimento de um ambiente solidário, humanista e cooperativo, a intenção de criar relacionamentos positivos e duradouros entre os alunos, professores e funcionários. Em todas as tentativas de ação contra a violência, a discussão enfoca os efeitos da violência em relação às dificuldades que ela provocando andamento pedagógico da instituição escolar. Torna-se se evidente, no caso em estudos, que o estabelecimento de relação com todos os segmentos da comunidade escolar, ou seja, a construção de um trabalho coletivo, é uma condição fundamental para que se possa reduzir os atos de violência.

Fica claro, portanto, a necessidade de “desnaturalizarmos” a violência, sob pena de, não fazendo, acabarmos por banaliza-la a tal ponto que nada mais tocará nossa sensibilidade, tornado-no cada vês mais duros com o outro, menos solidário e fraternos.

O fenômeno de violência contra a escola e nela, verifica e demonstra que o espaço escolar aparece como ponto de condensação e de explosão da crise econômica, social e política. A compreensão das relações entre a escola e a prática da violência passa, necessariamente pela reconstrução da complexidade das relações sociais que estão presentes no espaço social da escola, pois são exatamente as combinações entre relações entre grupos culturais que permitem uma abordagem explicativa das práticas de violência nas escolas.

Salienta-se também que a relação da escola com as particularidades culturais dos grupos que compõem o espaço social no qual ela se encontra é marcada por uma violência simbólica do saber escolar, essa violência é exercida por hábitos sociais, por modos de vestir ou pelo uso de bens, como automóvel, pelos professores e funcionários da instituição, uma relação de poder que impõe um conjunto de valores ao conjunto da população envolvida.

Nesse diagrama, há um espaço marcado por um desencontro entre a instituição escolar e as particularidades culturais da população pobre das grandes cidades, desencontro que precisa ser substituído por relacionamento denso entre a escola e a coletividade local na qual está inserida. Nesse contexto percebe-se que é necessário que as escolas envolvam e também trabalhem não só com os alunos, mas também com as famílias e com a comunidade, onde elas estão situadas. É preciso que os professores estejam comprometidos e totalmente envolvidos com a causa.

Assis 1994 diz que:

*“O processo de sensibilização e conscientização da necessidade de lutar contra a violência é a função que a escola pode e deve assumir, engajando-se junto à necessidade na busca de sinais de vida para enfrentar a destruição e a morte”. (ASSIS, 1994, p. 22).*

O autor deixa claro que a escola precisa buscar soluções para enfrentar a violência na escola, caso a mesma ignore os fatos, poderá acontecer problemas gravíssimo no ambiente escolar.

A preocupação com a violência nas escolas vem mobilizando vários países, pois todos estão preocupados em solucionar esse problema que causa uma dor e sofrimento nas famílias e na sociedade em geral. Uma das medidas é a realização de reflexões e movimentos para reduzir a violência nas escolas.

Segundo Castel (1998, p. 63), na França, um grupo filiado à pedagogia institucional propôs:

1 – Criar instituições em cada sala de aula, ou seja, regras, leis, conselho de classe, a fim de converter o espaço de cada sala de aula em uma rede de relações;

2 – Levar em conta os conflitos e organizar os meios para sua solução;

3 – Expandir o senso de responsabilidade dos estudantes;

4 – Estabelecer em cada escola uma lei fundamental, que fixa os limites nos quais vão exercer os poderes de cada um, “limite do campo do possível”, efetivando um aprendizado da liberdade vivida no cotidiano;

5 – Estabelecer espaço para o falar, criando lugares e tempo para a palavra de modo a desenvolver um sistema de enunciação legítima.

A UNESCO propõe uma série de medidas antiviolência, propostas que podem ser localizadas em outros estudos recentes (UNESCO, 1997):

1 – Se a violência começa na mente humana, deve-se desenvolver uma cultura da pacificação. No caso da América Latina, a crise social e política exigem um grande esforço neste sentido, como afirma membros do Save e Children Fund (VK): iniciativas têm sido criadas em torno de idéias como (educação para a paz) e (educação para a democracia), as quais pretendem combater a mentalidade cada vez mais generalizada de violência, para dirigir o processo de socialização das crianças em direção à paz, contra a violência e fomentando “o respeito à vida”;

2 – Promover o estabelecimento de políticas de antiviolência na escola. Nessa linha, Prochazka sugere que, no interior do estabelecimento escolar, seja privilegiando o diálogo e a escrita, pouco importando qual o interlocutor, pois:

*“O essencial é que o conflito virtual ou afetivo possa ser dito, verbalizado a alguém que não é parte do conflito. Frequentemente, a palavra como na tragédia antiga, desempenha seu papel de catharsis e purifica as paixões em presença do que contém de maximalismo, de vontade irremediável. Falar é se colocar em cena, é se descentrar*

*em relação a si mesmo, é se distanciar". (PROCHAZKA, 1996, p. 82).*

3 – Estimular a interação e cooperação entre os professores, funcionários e alunos;

4 – Enfrentar o problema da violência por dentro do currículo escolar;

5 – Promover a cooperação escola-comunidade;

Em 2002 a UNESCO lançou um livro sobre violência nas escolas, a pesquisa foi realizada em 14 capitais brasileiras. No livro contem diversos tipos de violências cometidas por alunos, pais e membros do corpo técnico-pedagógico em escolas particulares e públicas. Este é o maior e mais complexo estudo feito nos últimos anos sobre o assunto na América Latina. (<http://observatorio.ucb.unesco.org.br/publicacoes/violencianasescolas>)

A pesquisa aponta dois aspectos fundamentais para o acontecimento da violência nas escolas: o tráfico de drogas e a presença de gangues nos arredores das escolas. Isso facilita e faz com que os jovens tenham acesso as drogas preocupando alunos, pais e funcionários das mesmas.

Outro aspecto facilitador dos traficantes nos arredores das escolas é a falta de segurança. Muitas das vezes não tem policiamento nos locais, facilitando assim a abordagem de crianças, adolescentes e jovens por traficantes.

Há também a discriminação racial, muitas das vezes alunos negros e mestiços são discriminados e tem dificuldades de freqüentar as escolas particulares, consideradas por muitos como as melhores.

A violência física é considerada a mais preocupante pela pesquisa, pois ela se manifesta de diversas formas como ameaças, brigas, roubos, assaltos, depredações, tiroteios e etc. A maior preocupação é que as brigas na maioria das vezes são consideradas corriqueiras pelas escolas, incentivando assim a violência.

Outro tipo de violência detectada pela pesquisa foi o estupro, ocorrido dentro e fora do ambiente escolar, uma preocupação que atinge a todos que nela freqüenta.

Segundo a pesquisa são elevados os índices de uso de armas de fogo e armas brancas dentro e fora do ambiente escolar nas grandes cidades brasileiras por alunos e membros do corpo técnico-pedagógico das escolas.

O mais chocante é que segundo a pesquisa a maioria dos alunos está consciente do poder da agressão provocada tanto pelas armas de fogo, quanto pelas armas brancas.

A pesquisa aponta que as maiores vítimas são os próprios alunos, depois os professores e por último os demais funcionários.

Prochazka sugere uma formação permanente para compreender e para agir sobre a violência nas escolas:

*“Falar da violência propiciando oportunidades de troca acerca de um tema freqüentemente vivido como inabordável, tomar uma certa distância e, assim, reduzir os medos; identificar coletivamente indicadores, reveladores, disfuncionalidades, perceber e compreender a natureza da violência (agressão, agressividade, conflitos, violência física ou verbal, empurrões, etc); começar a construir respostas visando encontrar boas comunicações, desenvolver a responsabilidade, restaurar as condições de base de uma relação pedagógica e educativa”. (PROCHAZKA, 1996, p. 116).*

Muitas são as ações de solidariedade possíveis, a fim de reduzir as manifestações de violência contra a escola, ou na escola.

Trata-se de um processo de construção da paz, que reconhece a escola como espaço de construção de uma cidadania que contemple o multiculturalismo reconheça as aspirações e necessidades das camadas sociais de jovens, crianças e adolescentes, e passe a uma regularidade de inclusão das coletividades locais com a instituição escolar. Delineia-se a perspectiva de construir na escola um espaço de construção do conhecimento criativo, um processo de desenvolvimento da personalidade reflexiva, no qual se realize o reconhecimento da dignidade humana e se desenvolva o processo de construção de uma cidadania mundial e multicultural.

A sociologia pode contribuir nesta caminhada pelo ar íris de uma juventude que precisa reencontrar o sentido da existência da paz e da liberdade.

## **CAPÍTULO IV**

### **4 - VIOLENCIA URBANA E ESCOLAR**

Muitas vezes perguntamos onde estão as causas da violência escolar, da violência familiar e da violência social. Há quem atribua os mais diversos fatores como causa da violência: ignorância, pobreza material, carência cultural desigualdade social, regime capitalista, etc.

A verdadeira causa da violência não está veiculada pelo saber convencional, mas sim ocultada por motivos ideológicos, de interesse dos sistemas sociais dominantes em obscurecer a verdade.

A escola que a legislação diz existir é democrática, está aberta a todos, com ensino obrigatório, onde o ponto de partida é igual para todos e o sucesso depende do esforço e da inteligência de cada um.

Mas, na escola real constata-se que uma pequena parte somente é que é educada; a grande maioria é excluída e marginalizada; o acesso à escola não é igual para todos e além de tudo isso, a escola convence que os que fracassam o fazem porque são incompetentes e inferiores.

Segundo CASTEL (1998, p. 54), a escola tem se constituído em uma grande vergonha, local de discriminação da falsa consciência, da ideologia do ego de reprodução absurda das desigualdades sociais, que é na realidade um dos piores tipos de violência entre espécie humana.

Nesta escola vitimizada, há a supervalorização do trabalho intelectual determinante do manual; submissão, hierarquização das tarefas onde só o professor é detentor do saber e há um zelo profundo pela ordem estabelecida, onde a vigilância e punição levam ao aluno o medo do conflito, medo do confronto, temor de contradizer alguém e temor de errar. Entretanto, percebe-se que o objetivo da escola vitimizadora tem sido o de formar uma minoria privilegiada, que ela entende ser mais capaz de aprender por ser mais esperta.

Com isso, os objetivos de formação do cidadão e da democratização do ensino, que consistem em oferecer ao aluno, vindo do meio desprivilegiado às mesmas possibilidades de êxito, ficam prejudicados. Assim a escola vitimizadora acaba, na realidade, preparando para o Estado trabalhadores desqualificados, consumidores, clientes submissos, administradores ajustados aos fins do sistema.

Porém, se a escola não é democrática na sua prática cotidiana, como poderá formar um cidadão íntegro, ético, para compor uma sociedade verdadeiramente democrática?

Como podemos atingir a plenitude democrática, se lá no local onde devemos aprender lições de democracia há uma instituição que ideologicamente ceifa aos pobres as oportunidades de participação nas tomadas de decisões nos destinos do país.

ZALUAR (1992) diz que:

*“Uma escola de verdade educa para conscientização ética, para erradicação da violência humana, e para vivência da plenitude democrática, que só será possível quando o aluno puder trazer para a escola o seu cotidiano e o seu contexto social”.*(ZALUAR, 1992 p. 44).

Só que até hoje, esta escola que sempre mudou conforme as exigências de cada época, atrelada sempre ao poder dominante, nunca se qualificou, na verdade, para transformar o homem e, conseqüentemente, a humanidade, para um novo comportamento de cooperação, de associação, de associativismo e solidariedade.

Para início de uma educação libertadora, rumo a uma sociedade humanamente solidária, é preciso que haja uma profunda reflexão por todos os envolvidos no sistema acerca do papel do professorado, do lugar onde está inserido

e de uma modificação de sua conduta dentro da sala de aula, deixando de estar a serviço do sistema, para se colocar a serviço do ente social do sistema.

Esse novo sistema de escola antiviolença, voltada para a construção da emancipação do desvalido social, passa por críticas da instituição escolar, levando os educadores ao interesse de outras dimensões de ensino, de uma pedagogia mais participativa, mais criativa democrática e libertária.

A escola que pretende ser educativa deverá fazer uma profunda reflexão junto com os seus alunos acerca das causas dos atos inconseqüentes destes; porque isso acarreta o desenvolvimento da consciência crítica dos elementos que participam do processo do ensino aprendizagem, envolvendo escola enquanto instituição e outros órgãos a ela ligados. Portanto, é preciso desenvolver nas escolas a prática da reflexão coletiva, da crítica construtiva, para se acercar das causas do riscamento dos carros dos professores, das pichações, das depredações do uso das drogas e da violência generalizada.

Há necessidade urgente deste tipo de discussão para que se chegue a essência dos fatos, partindo-se da sua aparência para o develamento da realidade, que ideologicamente ai foi ofuscada.

Onde há um bom relacionamento, calçado na teoria das inteligências múltiplas, entre professores, alunos e direção, onde há um clima democrático, há organização, disciplina, ordem e os alunos sentem a escola como um local agradável.

Educação não combina com competição. É preciso que, ordenadamente, todo grupo de pessoas da comunidade escolar seja levado a discutir seus problemas e buscar soluções em conjunto para estes. Porém, educação só se associa adequadamente à transformação interior do homem, o que se associa a modelos econômicos são, na verdade, os adestramentos, os treinos, as instituições mecânicas.

Agora se adestra o homem para modelos mais complexos de operações no trabalho, adequando-o a tecnologia moderna, aos meios de comunicações sofisticados, a economia global. Ninguém fala em educar o homem para empatia, deduzindo de seu interior os seus erros, ajudando-o na escala da sociedade interna, da ética, da moral, etc. é uma pena, porque se assim agíssemos

na educação deste homem, o social, o econômico, o ético, o desenvolvimento tecnológico, etc, viriam como conseqüência direta desta formação científica.

Todo defeito do ser humano tem sua origem no ego. O ego é a causa de todo mal como depredação do uso de drogas, da violência generalizada, na escola, na família, no futebol, no trânsito e na sociedade em geral.

Não se pode erradicar a violência da sociedade, da forma como se tentou até hoje, atacando-a no efeito. É preciso atacá-la no seu nascedouro, na causa.

Por incrível que pareça, qualquer indivíduo podem erradicar de dentro de si esmo os germes da violência; para isso basta saber como. E o saber como, até hoje, a escola não ousou ensinar, porque não aprendeu ainda.

Para acabar com a violência social é preciso que a escola ensine aos alunos, crianças e adolescentes, entre aqueles que ainda não tornaram demasiadamente violentos a maneira de não se contaminarem com a violência generalizada do mundo adulto. E, é preciso ensinar, a quem já se contaminou com o vírus da violência, com os eus da ira, da ambição, da inveja, da preguiça, da gula, da luxúria, do orgulho, etc, a técnica de erradicação deste defeito, por intermédio do sistema de revolução da consciência que começa com a prática de auto-observação de si mesmo. É preciso ter a coragem de ensinar as crianças que a violência de concentrar bens materiais, no modelo econômico injusto, é responsável pela violência escolar, infanto-juvenil, pela senil, pelo social, pela familiar, racial, etc, e mostrar onde ela inicia, no interior de cada um de nós mesmos, através dos agentes componentes do ego.

Na escola convencional de qualquer grau esqueceu-se por completo a geratriz da verdadeira educação.

Uma verdadeira educação deve-se fazer presente na escola, em todos os momentos, principalmente no ensino fundamental que é o alicerce formativo voltado para os valores éticos. Quem forma o caráter de um indivíduo que, por sua vez vai compor a sociedade, é a educação que ele recebe quando ainda é criança ou jovem. O destino das criaturas humanas que compõe a sociedade está em conexão com os princípios educacionais que lhes foram incerbados na infância e

na adolescência. Daí, pode-se dizer que a horrorosa violência, que ronda os quatro cantos do mundo, possui suas raízes no fracasso dos sistemas educacionais.

Como povo, tanto rico como o pobre, não auto-educou-se ao longo da existência humana, hoje a sociedade é um caos. Segurança nas grandes cidades, na atualidade, é questão de vida ou de morte. Porque a violência atinge a todas as pessoas de qualquer nível social, principalmente nas grandes cidades.

A violência representa o fracasso da sociedade em seu processo de humanização.

A raça humana tornou-se vítima de si mesma e está num beco sem saída. As medidas que os governos vêm adotando não tem conseguido resolver os problemas e nem remedia-los. Por que qualquer solução do processo de violência crescente, passa pela transformação da sociedade através da educação.

Os pais e a escola, ausentes, tem produzido cidadão delinquentes, uma legião de seres desajustados, esquizofrênicos, irresponsáveis, etc.

É necessário montar um sistema embasado nos valores educacionais, onde o aluno deve ser levado a conhecer a verdade, acerca de todas as coisas de si mesmo. Então, a escola deve informar ao aluno que a violência tem origem no ego e que o mesmo por sua vez, dá origem à miséria ao desemprego, a favelação do sem-nada e à violência em geral.

Enquanto a sociedade não se decida, provavelmente não se decidirá, pois há interesses de uma minoria dominante, a combater a violência no seu nascedouro, na causa, eliminando os agregados psíquicos de dentro de si mesmo, é preciso estabelecer programas alternativos de combate desta, mesmo que seja no efeito, para amenizar seus resultados catastróficos, antes que seja tarde demais e a massa social vá ao caos total.

Para combater a violência, de modo preventivo, deve-se fazer uma profunda reflexão em todo o mundo acerca da violência múltipla, na família, na escola, no trânsito, nos esportes, na ecologia... Incluir nos currículos escolares e programas de ensino, proposta de conscientização acerca da origem e consequência da violência entre os seres humanos, estabelecendo atividades educativas, profiláticas, para enfrentamento e erradicação desta.

Conscientizar a todos, através das escolas e dos veículos de comunicações, acerca de que a violência é algo que se diz respeito a todos nós, porquanto é fruto e desmembramento das condições sociais, econômicas e da perversa política econômica do injusto regime capitalista vigente em nosso país e no mundo.

Combater a violência na causa consiste em levar o educando a aprender investigar os seus próprios defeitos, através da técnica da auto-observação de si mesmo, para em seguida, efetuar a eliminação deste por meio da aplicação do primeiro fator de revolução da consciência, conforme está didaticamente demonstrada na Psicologia Revolucionária do mestre Samuel.

A violência é apenas um efeito dos componentes do mal, que estão radicados sobre os agentes do ego, em nossa psique. É apenas efeito de um dos componentes dos sete defeitos capitais, que tem por causa um elemento psíquico chamado ira. Então, o mal chamado de violência, nossos erros, nossos defeitos e nossos sofrimentos, são gerados em nosso interior psicológico de agentes psíquicos componentes do ego.

Existem diversas hipóteses para explicar a violência nas escolas, baseadas tanto na literatura nacional como na estrangeira, recorrendo-se a múltiplas associações com características e atributos das vítimas e dos agressores, que segundo CASTEL (1998, p. 75), tais como:

- Gênero – constata-se que os meninos se envolvem mais que as meninas em situações de violência, seja como vítimas ou como autores;
- Idade – o comportamento agressivo é associado com o ciclo etário;
- Etnia – na escola se reproduz os estereótipos étnicos dominantes, o que se traduz em resistência dos alunos de minorias étnicas e ao tratamento discriminatório por parte de seus colegas e professores;
- Família – alguns autores referem-se à família como condicionamento de personalidades violentas, destacando alguns o que denominam de características sociais, das famílias violentas, hipóteses esta que é objeto de ampla controvérsia;
- Ambiente externo – as comunidades que apresentam pequenos sinais de abandono ou decadência estão mais vulneráveis a violência;

- Exclusão social – restrições à incorporação de parte da população à comunidade política e social;

- Exercício do poder, desestímulo e má qualidade do ensino incivilidades e discriminação e também contribuem para desrespeitar os direitos humanos dos alunos, falta de proteção, perde o momento pedagógico de formar contraculturas de violências, a má qualidade do ensino, a carência de recursos humanos.

É preciso que os agentes do ensino, professores, dirigentes, estudantes e comunidade escolar, dêem conta do momento crítico que vive, em meio à pichação, à depredação, uso indevido de drogas e violência generalizada, proporcionando uma nova maneira de formar o alunado, baseando na Educação Revolucionária que possui a capacidade de erradicar tais males das gerações do futuro.

A escola precisa aprender a conduzir a nova geração através da Educação Revolucionária, para erradicar de dentro do estudante a semente do individualismo, que foi plantada pela sociedade ancestral, a semente do egoísmo, das agressões acirradas, da violência generalizada, atacando estes males na causa, promovendo o espírito do coletivismo, a paz, a cidadania e a solidariedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência aparece como dano físico ou simbólico que se impõe a indivíduos ou grupos. Associa-se à macro tendência com a pobreza, desigualdades sociais e falhas de comunicação. Refere-se ainda a perda de legitimidade como uso da razão.

Quando se aborda o tema das violências nas escolas, há de se lidar com múltiplas contradições. No Brasil registrou-se o aumento de violência em períodos de consolidação da democracia desde a década de 1980. ao mesmo tempo em que a escola se institui como instância de aprendizagem de valores e de exercício da ética e da razão, é noticiada como lugar de incivilidades, brigas, invasões, depredações e até mortes, onde os conflitos se registram entre vários agentes alunos e alunos, alunos e professores, alunos e funcionários, inclusive por violência simbólica e autoritarismo.

A violência simbólica é mais difícil de ser percebida do que a violência física, porque é exercida pela sociedade quando esta não é capaz de encaminhar seus jovens ao mercado de trabalho, quando não lhes oferece oportunidades para o desenvolvimento da criatividade e de atividades de lazer, quando a escola impõe conteúdos destituídos de interesse e de significados para a vida dos alunos, ou quando os professores se recusam a proporcionar explicações suficientes, abandonando os estudantes à sua própria sorte. Mas refere-se, também, a violência que sofrem os professores quando são agredidos, em seu trabalho e em sua

identidade profissional, pelo desinteresse e indiferença dos alunos. Tais elementos em seu conjunto conformam um ambiente de tensão cotidiano que se expressa em atitudes hostis por injúrias, brigas e golpes entre os membros da comunidade escolar, eventualmente, com envolvimento de pais de alunos.

A instituição escolar não pode ser vista apenas como reflexo da opressão, da violência, dos conflitos que acontecem na sociedade. É importante argumentar que as escolas também produzem sua própria violência e sua própria indisciplina.

Para podermos dar conta de algumas formas de violência e de indisciplina que dinamizam a vida cotidiana da escola é preciso aprender, na ambigüidade desse fenômeno, seus modos específicos de manifestação. Há quem afirme: “quanto mais igual, mais fácil de dirigir”. A homogeneização é exercida por meio de atividades que esquadriham o tempo, o espaço, o movimento, os gestos e as atitudes dos alunos, dos professores, dos diretores e demais funcionários, impondo aos indivíduos uma atitude de submissão e docilidade. Assim como a escola tem esse poder de dominação que não tolera as diferenças, ela também, é recortada por formas de resistência. Compreender esta situação implica em aceitar a escola como um lugar que se expressa numa extrema tensão e forças antagônicas.

O objetivo de eliminar a violência e a indisciplina, ou de colocá-la para fora do campo escolar, faz com que se perca a compreensão da ambigüidade desses fenômenos que restauram a unidade grupal e instalam uma tensão permanente.

As escolas e a sociedade em geral não podem ficar indiferentes a questão da violência nas escolas, pois a cada dia que passa ela cresce ainda mais, assustando e afastando pessoas que lutam por uma educação melhor no nosso país e no mundo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Simone Gonçalves de. **Crescer sem violência**: um desafio para os educadores. Rio de Janeiro: Fundação Osvaldo Cruz, 1994.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**. Petrópolis: Vozes, 1998.

DEBARBIEUX, Érik. **A violência na escola**. São Paulo, 1999.

DURKHEIM, Émile. **Sociologia, educação e moral**. Lisboa: ed. 70, 2001.

FERRI, Eurico. **O delito passional na civilização contemporânea**. São Paulo: Saraiva, 1934.

GUIMARÃES, Áurea M. **A dinâmica da violência escolar: conflitos e ambigüidades**. São Paulo: Autores Associados, 1996.

<http://observatorio.ucb.unesco.org.br/publicacoes/violencianasescolas>. Acesso em 30, jun. 2007..

<http://www.lite.fae.unicamp.br/revista/art02.htm>. Acesso em 25, jun. 2007.

<http://www.marcelogandolfi.hpg.ig.com.br/violencianasescolas.htm>. Acesso em 12, maio 2007.

LOMBROSO, Cesar. **O homem delinqüente**. São Paulo: Ícone, 2007.

MERTON, Robert K. **Sociologia** – teoria e estrutura. São Paulo: Lemos, 1970.

PROCHASKA, Cristina. **Psicologia e Sociedade**. São Paulo: Lemos, 1996.

ZALUAR, Alba. **Violência e Educação**. São Paulo: Cortez, 1992.